

## DOCUMENTO

### CORRESPONDÊNCIA INEDITA DE NESTOR VICTOR DOS SANTOS A EMILIANO PERNETTA: 1911/1912

Organização e Notas por Cassiana Lacerda Carollo

#### Carta I

(Incompleta)

Rio, 18 de julho, 1911<sup>1</sup>

Emiliano,

Recebi, como disse hontem por telegramma o *avant-la-lettre* da

1 Quando chegou ao Rio em 1888, numa época em que o parnasianismo «dominava sem contraste», Nestor Victor (1868-1932) já tivera através de Emiliano Pernetta (1866-1924) os primeiros contactos com os mestres do simbolismo francês.

Como atesta em sua crônica «Como nasceu o simbolismo no Brasil» (publicada em *O Globo*, a 26 de março de 1928) Nestor Victor deixou de ser «neutro» em relação aos parnasianos a partir do momento em que Emiliano chega ao Rio e forma com Gonzaga Duque, Oscar Rosas, Lima Campos, e Virgílio Várzea «um grupo de tendência pouco simpática aos naturalistas e aos parnasianos», se bem que só com a chegada de Cruz e Sousa tenha se decidido «a tomar parte ativa em nosso movimento literário». Mais profundamente ligado a Cruz e Sousa, Nestor Victor nunca deixou de assinalar o sentido que assumiu seu relacionamento com Emiliano Pernetta e a importância que sempre atribuiu a sua obra.

Dissolvido o grupo inicial com a morte de Cruz e Sousa e tendo Emiliano se afastado do Rio, em 1891, Nestor Victor vai «chefiar um dos grupos fiéis a memória de Cruz e Sousa, enquanto Saturnino de Meirelles será o líder do Grupo Rosa Cruz».

O grupo de Nestor Victor era integrado por Rocha Pombo, Gustavo Santiago, Oliveira Gomes, Maurício Juvim e freqüenta pouco os demais simbolistas.

Emiliano, por sua vez, afastado na província, desde 1895, desenvolvera uma outra forma de liderança recebendo do público curitibano a aceitação que não tivera no Rio, sem deixar de promover seus antigos companheiros.

Atitude idêntica assumira Nestor Victor em relação aos seus conterrâneos, prefaciando *Luar de Inverno* ou dedicando a Emiliano extenso estudo. A correspondência do período que tivemos acesso é reveladora desta atitude, do mesmo modo que mantém o tom de respeito e admiração pelo «poeta exilado». O interesse do ano de 1911 como marco deste relacionamento pode ser compreendido pelo sucesso obtido com a publicação de *Paris e Ilusão*.

**Ilusão**, e apesar de chegar-me o livro justamente quando eu estava atrapalhado e atarefadíssimo com coisa de q' mais abaixo te falei. distrahi-me do mais e perfunctoriamente li-o quasi que todo, — o bastante para receber uma impressão geral. Minha espectativa era muito boa. Alem do mais, eu já conhecia uma parte da obra pelo q' me leras quando aqui estiveste. Pois bem, a impressão recebida do conjunto ficou acima de toda espectativa. Fizeste um livro q' vale por uma obra, que salva verdadeiramente um homem. A **Ilusão**<sup>1</sup> foi feita com tuas carnes e teu sangue, é o producto de grande concentração de forças e bastará para coróar uma vida, si representasse o teu ultimo tropheu. Não imaginas, por bem q' me conheças, o alvoroço, o abalo, a alegria, o entusiasmo que me vieste dar. Dos meus amigos, meu caro, nestas coisas, eu sou verdadeiramente irmão: suas vitorias considero-as como minhas e talvez essa seja a maior das virtudes q' em meu favor se possa allegar. Não te importes com o que o mundo ainda possa achar para babujar teu valor: tu és um principe intellectual, justificas agora plenamente a convicção q' todos q' bem te conheciam tiveram sempre de teu grande talento, de tua natureza exquisita, natureza essencialmente irregular, mas tão aristocratica, tão fina, cheia de tantas nobrezas, de tão bellos e tão honrosos traços afinal. Eu espero q' sejas muito bem recebido; pelo menos não pode ser de outro modo por parte daquelles que saibam ver, que saibam sentir, que amem a Poesia onde quer e em quem quer que ella se manifeste irrecusavel. Tens na **Ilusão** poemas que Beaudelaire<sup>2</sup> assignaria, offereces pequenas joias cuja maravilha faz lembrar as raras realisações perfectas de Mallarmé. Nem de tudo q' ha no livro se pode dizer o mesmo, mas, que importa? si offereces a mancheias coisas com que nos encantas, ou nos arrebatas como só um magico e insigne poeta pode fazel-o! Não é facil, comprehendes, escrever-se para o publico um trabalho em q' se lhe transmita em forma de critica propriamente dita o que é preciso dizer de ti, dos teus outros trabalhos e deste teu livro agora. São paginas difficeis de fazer as que um artista como ha requer daquelles que pretendam definil-os, caracterisal-os, pôl-os mais ou menos de pé.<sup>3</sup> Eu vou, em

1 Efetivamente **Ilusão** só virá a público em agosto de 1911.

2 No artigo citado (nota 1), Nestor Victor testemunha a importância de Emiliano em suas leituras. «Em São Paulo, entre alguns moços académicos, começava-se a ler Baudelaire. Emiliano Pernetta, que lá estudara, foi dos primeiros a manusear, numa atmosfera de mistério, entre companheiros íntimos, quase como quem lê página prohibida, as «Flores do Mal». Nas férias levou consigo o estranho volume para Curitiba. Teve a grande gentileza de confiar-me aquela raridade por alguns dias».

3 Interessante referência sobre a critica de Nestor Victor por revelar sua preocupação de fugir da impressão inicial e só emitir sua posição após a análise demorada. Sobre Emiliano Pernetta publicou um estudo em 1911, incluído no 1º volume de **Obra critica de Nestor Victor**, publicada pela Casa de Rui Barbosa, em 1969.

todo caso, tentalo. Esta é uma das grandes alegrias da minha vida: concorrer para a justa glorificação de mais um companheiro, tanto mais sendo daquelle q' primeiro me iniciou nos segredos da Arte que eu tenha podido appresentar. Vou ler-te e reler-te demoradamente. Não precipites a sahida do livro. Quando eu tiver feito meu trabalho te direi. Tu depois hás de vir ao Rio. É preciso que te faças conhecer pessoalmente pela geração de agora. Combinaremos isso, espero eu, quando eu fôr até a nossa Curitiba.

A causa do atrapalhamento a q' no principio me referi vem de q' hontem assignei contracto com a casa Alves para a edição do meu *Paris*<sup>1</sup> e tinha de entregar os originais no mesmo dia. Ora, estes ainda não estavam copiados de todo, como ainda não estão, mas eu queria fazer entrega da maior parte q' pudesse, razão pela qual não tenho feito outra coisa estes dias sinão trabalho de escriba, — trabalho atormentador, como sabes, mas forçoso como a tarefa de um galé. Qualquer destes dias te mandarei o summario da obra para (...)

## Carta II

Rio, 28 de julho, 1911

Emiliano,

Recebi ante-hontem à noite tua carta de 23.

Ha uns bons mezes que espero teu livro. Quando aqui estive teu irmão, disse-lhe eu que fazia projecto de escrever um artigo tão completo quanto possível a respeito. Não será critica "luminosa" nem "definitiva", como por amabilidade prevês; será porem, o trabalho de um companheiro leal que tem a vantagem de haver seguido com o correr dos annos a linha do desenvolvimento de teu espírito, que te conhece de perto e que por consequinte está mais habilitado do que os criticos do Rio em geral para falar de tua obra. Não sei si muita gente escreverá aqui sobre a *Illusão*; o que te posso prometter é que farei todo esforço por que o livro não passe despercebido, por que delle se dem ao menos noticias tão amplas quanto eu possa conseguir e no maior numero de jornaes em que me seja dado influir. Encarrego-me com muito prazer da distribuição pelos criticos, pela imprensa e por algumas livrarias. Seria bom que pudesses mandar o pacote para nossa casa, de casa irei levando aos poucos para a cidade os exemplares que tenha de distribuir dia a dia. Mas uma boa coisa seria que antes de brochado o livro me enviasses um *avant la lettre* para

<sup>1</sup> *Paris* (Impressão de um brasileiro) foi publicada em 1911 pela livraria Francisco Alves.

eu ir preparando meu artigo de modo a poder elle apparecer pouco antes ou na mesma occasião da obra ser posta à venda".<sup>1</sup>

Si vires o nosso Sebastião Paraná peço-te o obsequio de lhe dizeres que eu prometti ao Capistrano de Abreu pedir ao nosso amigo q' lhe mande um exemplar da obra delle ultimamente publicada. Endereço do Capistrano: Rua D. Luiza, 145.

Espero com verdadeiro interesse, meu caro amigo, as paginas da *Illusão* e dou-te parabens por haveres afinal resolvido pô-las à rua — coisa que ha mais tempo já devia estar feita.

Conto ir este anno à nossa terra, e então abraçar-te e aos nossos demais companheiros, entre elles alguns que ha 14 annos não vejo. Mas enquanto não vou, mando saudades. Recebe-as, meu velho amigo, como enviadas pelo teu

Velho  
Nestor

Rua Itapirú, 326.

1 O arquivo de artigos sobre Emiliano Pernetta organizado por Andrade Muricy revela a receptividade de *Illusão*, através de artigos e comentários de Lima Campos, José do Patrocínio Filho, Pedro Couto e outros, porém não encontramos entre recortes de jornal o prometido comentário a que se refere Nestor Victor. Quando a importância do Rio como foco irradiador do prestígio literário é interessante mencionar a carta de Nestor Victor a Andrade Muricy (*Obras críticas de Nestor Victor* v. 2 p. 178-183) por demonstrar a lucidez com que o primeiro encarou a incompreensão da critica carioca em relação a Emiliano e ao movimento simbolista em geral.

O artigo de Lima Campos foi localizado no arquivo já citado e é transcrito a seguir:

«Um livro de Emiliano Pernetta

Para os que o suppunham já um repousado das lides litterarias, a contestação desse descabido engano surge agora, com destaque scintilante, no livro de fina e sentida emoção e de delicado relevo de arte que nos vem do Paraná, onde o espirito de Emiliano Pernetta continua intenso e activo, como quando aqui esteve, a se manifestar quer no magistério quer na jurisprudência, no jornalismo e na pura litteratura, como uma das figuras mais elevadas do meio intellectual paranaense.

É de versos o livro que agora publica, versos de original e subida poesia, versos que, na especie e na fórma, fogem à trivialidade dos versejadores communs e que revelam o requintado espirital que é o seu autor, versos em que, por vezes, plange a magua de um encarcerado a pedir, afflictivo, a liberdade e a luz de um outro meio e de um outro tempo e, por vezes, a dolorosa discreta de um amoravel que soffre, velando, orgulhoso ou serenamente resignado, uma suave emoção uma blandiciosa pungencia que só a sensibilidade dos finos, dos dedicadamente emotivos pôde experimentar.

E essa sensitiva feição que cunha inumeros dos seus versos, essa subtil essencia de magua contemplativa que delles, a quando e quando, se evolva e que os envolve, aqui, alli, numa nevoa crepuscular de tristeza e de vago scismar transparece pagina a pagina mesmo quando o gemido se alteia e a revolta tenta explodir... O próprio titulo do livro grapha a obra desse seu característico, Emiliano Pernetta chamou-a em frisante nomenclatura generica: *Illusão*!...

Mas, é tão linda, tão suave e consoladora essa *Illusão* que nos embala na becauce de uma sonoridade branda de amargor e de sonho que os seus versos contém e nos eleva com essa indizível e delicada orientação de arte que o poeta possui que, ao percorrer com os olhos e com o espirito essas paginas, o leitor educado, o leitor sensível, se alheia, por momentos, do prosaísmo reles deste meio lamentavelmente pervenu que por ahí anda indifferente, da chateza aborrecida deste trivialismo agua-choca que nos abafa e nos estiola e que é toda essa vida pratica que nos cerca e em que somos forçados a viver e da inexpressão pífia dessa pseudo-litteratura, que por ahí anda conspurcando um tempo, litteratura de mera pose de communs disfarçados em artistas e desguelladamente ganhadores, e de litteralmente despencados, cafagestes nos aspectos e no escrever, aureolados baratamente pela

aureola de latão dourado de uma gloriosa de época, posta por seus iguaes em vulgaridade, sobre os burguezissimos chapéos de côco dos primeiros e sobre os acapadoçados cerebros literários dos segundos.

Emiliano Pernetta, com o seu livro, nos faz uma offerta de consolação e de retempero... Lê-se com delicado gozo e com gratidão. É outra a athmosphera em que se paira e que se respira...

(Lima Campos, Fon-Fon, 1911)

### Carta III

Rio, 6 de Nov. 1911

Emiliano,

Respondo as tuas cartas de 19 e de 31.

Encontrei-me com o João Itiberê,<sup>1</sup> que me disse ter publicado seu artigo na Etoile promettendo-me mandar-me um exemplar; mas até agora ainda o não recebi. O artigo da **Ilustração Brasileira** passou completamente despercebido aqui; assim julgo porque até hoje ninguem me falou a respeito. Achei melhor não me referir ao caso. Depois que o soube por ti, nem mesmo ao miranda Rosa, com quem ja me encontrei. Depois disso... Não conheço o tal Souza Leal, que me dizes ter dito cobras e lagartos contra o teu livro escrevendo para o Rio Grande. São bichas de nenhum efeito, proprias do fim das batalhas. Vae tratando de fazer outro livro. Não seja com estas poeiras que preocupes teu espírito.

Recebi os lindos reclamos que ja fizeste ao meu livro. Aqui, em S. Paulo, em Minas, lá para o Norte, elles ja estão começando a apparecer. Vejo que ja tenho bons amigos por todo este Brazil. A impressão do livro começa esta semana: aqui ella, mais a brochura, vão rapidas. Creio que até 20 ou 20 e tantos do mez o livro estará na rua. Mando-te hoje, junto desta, umas paginas excerptas, que poderás publicar ahi lá para o começo da semana que vem, si as achares de algum interesse. Pretendo fazer outro tanto aqui e em S. Paulo com outras que destacarei da obra.

Ja faz muito calor aqui. Poucos rapazes tenho visto. Não me encontro com o Bueno Monteiro desde que te foste embora. Tens me feito falta meu Emiliano; depressa me acostumei com os nossos cavacos e os nossos passeios.

Está aqui o Graça Aranha, que veiu, de certo, lançar o seu **Ma-**

<sup>1</sup> João Itiberê (João Itiberê da Cunha 1870-1953) nasceu no Paraná de uma familia de músicos. Estudou na Bélgica, onde participou do movimento do **Jeune Belgique** ao lado de Maeterlinck. Teve importante papel como introdutor das noticias, e leituras dos simbolistas no Paraná, onde colaborou em números revistas **Transferido** para o Rio, quando abandonou a diplomacia, colaborou em **A Imprensa e Correio da Manhã**, com o pseudônimo de Jic desenvolvendo importante trabalho de critica musical. O jornal **L'Etoile du Sud** foi redigido durante muitos anos por ele e pertencia à colônia francesa.

**lazerte.** <sup>1</sup> Veiu muito mais magro do que foi. Não me disse positivamente que tivesse estado enfermo, mas eu soube por outros que elle atravessou uma crise bem séria em Paris. Queira Deus tenha elle longa vida para satisfazer suas grandes ambições.

Quem se foi, como sabes, foi o Araripe. Estive com elle uma semana antes em sua casa, e não parecia absolutamente que o homem pensasse em morrer. Teve commigo conversas as mais terrenas possíveis... Não causou grande abalo no meio o seu desaparecimento. O de Raymundo causou muito mais. Em todo caso a commoção geral foi maior do que poderá parecer pelo discurso que o Verissimo fez à beira do tumulo. O Verissimo não tem nenhum talento para carpidar.

Sei que vae entrar em Dezembro para o prelo um livro em que entram trabalhos do Gonzaga Duque, do Lima Campos e do Mario Pederneiras. Foi este quem m'o disse. O Lima fez um bonito reclamo ao meu **Paris** no último n.º do **Fon-Fon**.

Ignoro si o artigo que devia sahir sobre a **Illusão** ja sahiu na **Revista Maritima** Não tenho visto o Varzea nem o Leoncio.

Aqui em casa todos vamos indo mais ou menos sem novidade.

Não preciso dizer-te quanto te agradeço o que estas fazendo e projectas fazer pelo meu livro. Peço-te que me mandes tudo quanto ahi se publique a respeito.

Como vai passando de saúde? Chegaste a tomar os remedios do **Murtinho**?

Escreva-me sempre, meu bom amigo. Sempre te escreverá o  
teu  
certo e velho  
Nestor

R. Itapirú, 326.

#### Carta IV

Rio, 22 de Agosto, 1911.

Emiliano,

Ecôaram bastante por aqui as notícias publicadas pelos jornaes de maior importância relativas à festa q' em tua honra se realisou em Curitiba. <sup>2</sup> Os telegrammas foram bem passados, e vejo pelo tom do teu telegramma de hontem. q' tanto me alegrou, que as coisas correram na verdade muito bem. Recebi teu telegramma à noite. ao chegar em casa; Da cidade te havia mandado um outro, redigido por forma a ser publicado, si assim entendesses: os dois cruzaram-se, pois, em caminho. e ainda bem q' atravessamos um momento de verdadeira alegria na vida em compensação a tudo q' soffremos para

<sup>1</sup> Graça Aranha (1868-1931) teve importante papel como participante da «velha geração» na introdução das idéias modernistas no Brasil. A influencia de sua viagem a Paris e o contacto com as inovações literárias parece explicar o sentido da referência às suas «grandes ambições».

<sup>2</sup> A primeira Festa da Primavera a que se refere Nestor Victor foi realizada em setembro de 1911, tendo sido uma homenagem ao poeta de **Illusão**. Teve caráter «épico-helênico» e culminou com o coroamento de **Emiliano**.

chegar a este dia de victoria! — Mando-te hoje a bella e gentilissima nota que o Paulo Barreto<sup>1</sup> publicou a teu respeito na *Gazeta* de domingo, e uma retalho do n.º de hontem q' traz o teu retrato com as palavras as mais carinhosas possiveis, devidas a um teu amigo cujo nome não me ocorre agora q' está também na redacção da *Gazeta*. Fui hontem agradecer-lhes tanta amabilidade. O Paulo é um bonissimo sujeito: honra o talento q' tem. Devido a um muito aborrecido accidente q' te contarei qdo. estivermos juntos, ainda não sahiu publicação do meu artigo a teu respeito: conto que elle virá por estes dias, no *Paiz*<sup>3</sup>. Muito me mortificou ver assim frustradas as nossas combinações para que a primeira voz que se levantasse recomendando o teu livro fosse a de um velho amigo e patricio. Mas são coisas estas de importância secundaria afinal. Talvez até fosse bom q' a coisa partisse de outro ponto: ao menos do Paulo não se dirá que fez reclamo de amigo. Ainda não appareceram aqui nas livrarias exemplares da *Illusão*, e é pena porque não se deve perder este momento pa. a venda. Acredito que os exemplares q' vierem terão extracção, principalmente sinão chegarem depois q' a attenção do público se tenha voltado para outra coisa. — Espero com anciedade os outros exemplares q' pelo telegramma de hontem me dizes ja teres enviado: elles são essenciaes pa. completar-se a distribuição q' ficou a meio. Nem com mais estes 25 satisfarei todas as solicitações. Amigos velhos teus surgem me todos os dias reclaman-

<sup>1</sup> Paulo Barreto (João do Rio 1880-1921) teve importante papel como cronista mundano. Transcrevemos a seguir, a título de curiosidade, a nota mencionada, chamando attenção para a incorrecção «poeta de *«Plumas»* ao referir-se a Emiliano.

«Desde anteontem acha-se entre nós o extraordinário, o bizarro, o triumphador poeta da *«Illusão»*, Emiliano Pernetá.

O illustre poeta, que vem do Paraná, seu Estado Natal, onde o seu nome querido é de um mestre e de um vitorioso, foi recebido na «gare» da Central por numerosos literatos e jornalistas.

Receberam também o grande Emiliano Pernetá os vultos de real destaque da colonia paranaense nesta capital.

O poeta dulcissimo das *«Plumas»*, o artista sem par da *«Illusão»* não se demorará, entre nós, senão quinze dias, Emiliano Pernetá vem rever o Rio, veni respirar um pouco desse ar civilizado da Avenida Central.

Ainda não vai longe o dia do aparecimento do seu último livro, *«Illusão»*, onde o poeta adorável reuniu o melhor, o mais raro e o mais belo de sua obra, toda feita de impressões de estado d'alma. Esse dia foi para Emiliano Pernetá de triumphos e de vitórias.

E é bem nessa qualidade de victorioso e de triumphos que Emiliano Pernetá vem mais uma vez rever o Rio, onde elle passou o seu tempo de Academia.

O poeta da *«Illusão»* esteve hontem em visita a *«Gazeta»* tendo-se demorado alguns minutos em fina palestra sobre cousas de arte.

Emiliano Pernetá está hospedado no Hotel Avenida». João do Rio.

(*Gazeta de Noticias*)

do o livro, em nome da velha amizade q' allegam. Quando vieres, não deixes de trazer contigo um bom número, pa. que não haja queixosos, com mais ou menos fundamento. Tenho pedido aos rapazes q' se preparam pa. escrever sobre a **Illusão** o obsequio de espalharem seus artigos o quanto puderem, não só escrevendo pa. aqui mas pa. S. Paulo, Pernambuco, Bahia, etc. Tenciono mesmo mandar alguns exemplares pa. uns poucos camaradas que tenho fora daqui e q' estão em condições de ajudarnos na propaganda. Teu livro veio tornar bem patente que a nossa geração ainda está de pé, e tudo indica que daqui por diante não poderão mais conseguir abafal-a, pelo contrário q' ella terá um crescente predomínio na hora. — Muito me interessa ler os principaes artigos q' ahi se escreveram a propósito da **Illusão**. Não deixes de me mandar os jornaes q' possam proporcionar-me esse prazer. — Pela remessa de jornaes anterior à de hoje terás visto como se deu o **cul pro quo** de q' resultou publicar-se na **Imprensa** q' a festa projectada em Curitiba se realisaria aqui. O excelente Bueno Monteiro, cantor da involuntaria **gaffe**, andava com a cabeça perdida por um terrível embrulho em q' o metteram a propósito da tal Academia da "Imprensa", e foi essa a razão de ter feito o q' absolutamente não estava nas suas intenções, mas com a corrigenda do dia seguinte nada ficou sanado, e não se falou mais no caso. — Poderia ainda encher mais um caderno de papel. — tanta coisa tenho a dizer-te. Fica, porém, pa. quando aqui nos encontrarmos. Que isso seja breve é o que deseja o teu

affectuoso  
Nestor

R. Itapirú. 326.

### Carta V

Rio, 28 de agosto, 1911

Emiliano,

Acabo de pôr a dedicatória nos últimos exemplares da **Illusão** q' tinha em casa. Fiquei sem nenhum e com três ou quatro compromissos ainda. Vê si podes desempenhar-me dos mesmos e não me deixares sem um para mim. Basta pa. isso q' me mandes mais uns cinco exemplares.

Vae hoje pelo correio o artigo do Patrocínio Filho, publicado em S. Paulo, e a nota do Lima Campos. no Fon-Fon. Estão se fazendo outras coisas, q' depois hão de apparecer.

Recebi teu telegrama referente ao meu artigo. Si elle te agradou, é o q' me basta.

Quando vens?



Não te esqueças de mandar-me os jornaes q' te pedi: os que falem da Illusão de modo mais apreciável.

E até outra.

do teu  
Nestor.

R. Itapirú, 326

**Carta VI**  
Rio, 18 de Out. 1911

Emiliano,

Telegraphei-te ante-hontem lembrando-te a conveniencia de te despedires por telegramma do Hermes, do Menna Barreto e do Ubaldino. Aquelles dois primeiros nomes me foram dados pelo Joaquim Ignácio, com quem me encontrei horas depois do teu embarque. Elle mostrou-se sentido de não te haver adiado mais quando te foi procurar no quarto. Eu expliquei-lhe tua resolução de embarcar às dez em ponto com a razão que nos deste, — a de queres evitar o encontro desagradável q' de outro modo se tinha de dar. Elle aceitou a razão.

Vão junto as duas tiras de informações sobre o meu Paris. Parece que já é tempo de irmos começando a fazer um reclamo. Tens a liberdade de utilizal-as como melhor te parecer.

O Rio está no mesmo pé em q' o deixaste. Por exemplo nenhuma novidade a contar-te.

Abraça-te affectuosamente o

teu  
Nestor

R. Itapirú, 326

**Carta VII**  
Rio, 6 de Jan. 1912

Meu Emiliano.

Era quasi 1 hora da manhã quando o estafeta me bateu à porta com o teu telegramma de carinhosas felicitações, q' muito te agradeço. Devo dizer-te que eu ja tinha conciliado o sonno e que esse despertar fez-me ficar depois às claras até quasi de madrugada. Mas foi uma vigilia muito agradável, destas que em vez de deprimir confortam, por que passei acordado essas horas sob o pallio do teu affecto. O livro foi recebido optimamente aqui no Rio e está se vendendo muito bem. Agora vamos ver as criticas; acredito, entretanto, desde já, que na sua maioria ellas me serão favoráveis.

Mando-te o retalho junto, da **Imprensa**, que traz uma boa mascara do teu amigo, acompanhado de amabilissimas palavras escriptas pelo Bueno Monteiro. A **Gazeta**, utilizando-se da mesma prova, deu um máo trabalho, entretanto.

Ja mandei o exemplar do Euclides Bandeira. Sinto muito dizer-te que bem poucos outros exemplares poderei mandar para ahi. Como sabes, a edição não é minha, e só o Rio consome hoje um número extraordinario de livros distribuidos pela Imprensa. Quero ver si posso, em todo caso enviar ao Dario; ao velho Sebastião, ao Reinaldo e mais a um ou dois. Peço-te encarecidamente desculpares-me dessa falta involuntaria perante os nossos companheiros. Rogo-te mais mandares-me retalhos do que ahi se disser a meu respeito. Quanto à viagem, quero ver si a realiso o mais breve possivel. Estou, entretanto, muito pobre de meios. A casa Garnier com o facto de estar em crise pela morte do chefe em Paris, ainda não pôde aceitar a traducção de q' te falei. <sup>1</sup> Este mundo é cheio, como sabes, de contrariedades. É preciso muita paciencia para atravessar-se a vida.

Fazes aqui uma grande falta neste momento. Comtigo me teriam sido mais vividas mais brilhantes estas horas que o mundo chama de victoria. Escreve-me, meu caro, escreve ao teu

amigo de sempre        Nestor.

### Carta VIII

Rio, 22 de Jan. 1912

Emiliano,

Estou de posse da última carta. Fui ao Alves saber si ja tinham elles mandado o meu livro para a venda em Curitiba. Disseram-me que sim. Enviei exemplares para o Dario, o Reinaldo e o Santa Ritta; ja tinha mandado para o Euclides. Não calculas quanto me aborrece ser obrigado a esta parcimonia, mas os volumes de que eu disponha já lá se foram; agora, si quizer, tenho de comprar o livro como um outro qualquer particular.

O Araujo Jorge, director da **Revista Americana**, pediu-me que lhe desse novamente o meu artigo sobre a **Illusão**, pois que aquelle que eu lhe dera queimou-se no incendio da Imprensa Nacional. Não posso desfazer-me das tiras que estão no meu archivo, porque receio extravio, e infelizmente não sei em que data sahiu aquelle trabalho no **Palz** para poder comprar um exemplar e lh' o fornecer. Talvez tenhas comtigo algum numero da folha em que se possa verificar a data. Seria favor, nesse caso, dizeres-me qual seja ella. Peço uma resposta com urgencia.

<sup>1</sup> Em 1901 a Garnier publicou a traducção de Nestor Victor da obra de Maeterlinck. **A sabedoria e o destino**, não constando entre as obras de Nestor Victor a traducção mencionada.

Vocês devem ter lido ahi o estrondoso artigo do Sylvio Romero <sup>1</sup> publicado no **J. do Commercio** sobre o meu livro. Foi de grande effeito no Rio; vale por uma verdadeira consagração. Espero outros artigos, que infelizmente estão sendo demorados pela grande agitação política que o caso da Bahia provocou. Apesar disso, o livro continua a ser muito bem vendido: constituiu o primeiro successo de livreria do anno. Agradeço a ti e aos nossos companheiros as provas de carinhos que me tem sido dadas ahi a proposito do mesmo. Não te esqueças de mandar-me teu artigo e outras publicações originaes que ahi se fizerem.

O Faco soffreu outro dia um desastre que poderia ter sido fatal, tendo sido pisado por um auto. Felizmente ja está em convalescença, sinão completamente bom. Disse-me elle, quando fui ao hospital visital-o que esperava falar da **Illusão** na primeira chronica que escrevesse para o **Paiz**. A **Imprensa** continua a exigir grande trabalho aquelles que lá estão e este tem sido o único motivo por que até agora nem elle nem o Bueno puderam escrever nada de mais sério sobre o teu livro.

Continuo a pensar na minha viagem à nossa Terra. Agradeço-te muito a renovação dos teus offerecimentos. Espero ter decidido alguma coisa até o principio do mez.

É muito facil que o Menna acabe deixando a pasta da guerra; as coisas ainda estão muito para isso. Parece certo, entretanto, que si elle a deixar, seja substituindo pelo Vespasiano, o que quer dizer que ahi virei um outro amigo teu. Encontrei-me com elle. Vespasiano, há poucos dias e quasi que só falamos a teu respeito na conversa que tivemos. Também tive occasião de estar ligeiramente com o Joaquim Ignácio, que me disse lhe haveres escripto ha pouco.

Pergunta-me o Capistrano de Abreu <sup>2</sup> como poderá elle obter uma publicação feita recentemente pelo Telemaco Borba. Si este ahi estiver ou achares outrem que possa informar a respeito, peço mandares-me uma resposta qualquer.

E basta por hoje.

Abraça-te affectuosamente o teu

Nestor

R. Itapirú, 326.

<sup>1</sup> O artigo a que se refere Nestor Victor foi incorporado à 3ª ed. da **História da Literatura Brasileira**. Sylvio Romero elogia Paris como «o livro, no gênero mais notável em nossas letras».

<sup>2</sup> É conveniente observar o interesse de Capistrano de Abreu pela historiografia paranaense.

Na carta 2 Nestor Victor fez menção ao desejo de Capistrano de obter a última publicação de Sebastião Paraná (1864-1938), provavelmente **O Brasil e o Paraná**. Quanto à publicação de Telemaco Borba (1840-1913) certamente refere-se a **Atualidades Indígenas** (1908), pois seus trabalhos sobre línguas indígenas são de data bem posterior.

**Carta IX**  
Rio, 3 de Fev. 1912

Meu caro Emiliano,

Logo que recebi tua carta fui ao Alves communicar o que me dizias a respeito de não terem ainda chegado os volumes de **Paris** destinados a Curitiba. O chefe do serviço garantiu-me já ter dado ordens ha muito tempo para a remessa achando quasi impossivel q' ella ainda não tivesse sido feita. Impossivel não é porque não ha ordem q' seria desejar naquella casa, alias, tão importante. O livro continua a vender-se muito aqui; maior venda ja teria tido si os negócios políticos não estivessem na tensão que se acham, obrigando quasi toda a gente a andar pensando mais nelles do que em coisas outras. Diversos artigos, como o do Salamonde, do Alcindo, do Rochinha e de outros não tem sido feitos ainda por essa mesma razão. Tomara que eu me engane. mas muito receio que todo este anno corra mais ou menos assim.

Entreguei hontem para a **R. Americana** meu artigo sobre teu livro com as emendas necessárias. Fiquei penalizado (não sorrias) com as más aventuras succedidas ao nosso Leoncio. Em todo caso, a votação que elle teve não foi ridicula, bastou para **Salvar la cara** como dizem os hespanhóis.

Muito lisongeadado fiquei com o q' dizes do meu **Paris**. Mando-te com esta incluso, o artigo do Sylvio e o do João Itiberé, publicado na **Etoile da Sud** <sup>1</sup>. Como sabes, o **Jean** é um verdadeiro parisiense, de modo que seu juizo sobre este livro me foi particularmente agradável; verá que o artigo é intelligente e bem feito. Com relação ao trabalho do Sylvio, como é longo, talvez o que se pudesse fazer ahí fosse um apanhado geral para o **Diario**.

Tantas preocupações e arrelias me tem assaltado nestas últimas semanas, que ainda não pude decidir sobre minha viagem. Acredito, entretanto, que, si a fizer, será para fins deste mez ou princípios de Março.

Transmittirei ao Capistrano o q' me dizes sobre o Telemaco.

Adeus. Emiliano. Até outra.

Nestor

Ainda me não encontrei com o Facó depois de tua carta. Dar-lhe-ei teu recado.

Dahi ainda ninguém a não ser o Silveira Netto, me escreveu accusando o recebimento do livro. N.

**Carta X**

Rio, 6 de Março, 1912.

Emiliano,

Creio que daqui a pouco mais de uma semana terei o prazer de abraçar-te. Tenciono seguir no Sirio de G Em Paranaguá demorarei uns dois ou tres dias. Devo estar de volta aqui antes do fim do mez. Mas ainda assim teremos pelo menos uma semana para estarmos juntos. Assim não venha alguma contrariedade desfazer os meus planos.

Por conseguinte, até por lá, meu amigo.

Nestor.

R. Itapirú, 326.

**Carta XI**

Rio, 11 de junho, 1912

Emiliano Pernetta,

Está satisfeito o teu pedido. Gastei hontem quasi que todo o dia em escrever notícias e procurar as redacções para bem collocar o livro do Capitão Lyrio. <sup>1</sup> Distribui hontem pela **J. do Com., O Palz. Gazeta, Noticia e Correio da Manha**. Vou agora em horas matinaes, procurar amigos da **Tribuna** e do **Século**. À noite entregarei finalmente aos nossos companheiros d' **A Imprensa**. Para cada um fiz noticia variante; só não fiz para o **Jornal**, que tem critico especial e não gosta de receber coisa feita. Deixei, em todo caso, o livro recommendado ao Feliz Pacheco, fazendo o pedido em nome de nós ambos. Creio que assim satisfiz o melhor que era possivel a incumbencia. Não tens nada que me agradecer: sabes com que satisfação te proporciono seres agradável aos teus amigos, principalmente no caso em questão. Talvez, apenas, não te possa mandar todas as noticias que sahirem, porque ellas são publicadas em dias differentes e eu não recebo todos esses jornaes. Mandar-te-ei, em todo caso, as que puder ver publicadas.

Estou às voltas com as minhas Impressões do Paraná. <sup>2</sup> Ja fiz umas 120 tiras. Creio que o trabalho terá umas 500 ou 600 tiras. Não me tem sido coisa facil escreve-las, como debes calcular. Em todo caso, hei de me desempenhar como puder do meu compromisso.

Estive hontem à noite com o Paul Adam. <sup>3</sup> Disse-me elle que

<sup>1</sup> Ver nota 1 à carta 3 e 8.

<sup>1</sup> Capitão Lyrio é o pseudônimo de Serafim França, que publicou em 1912 **Canção da Terra dos Pinheirais**.

<sup>2</sup> **Terra do Futuro (Impressões do Paraná)** foi publicada em 1915 pelo **Jornal do Comércio**.

<sup>3</sup> Paul Adam (1862-1926) escritor francês, autor de uma série de romances entre eles **La force, La Buse** etc.

irá ao Paraná. Vaes ter, pois, occasião de conhecer esse brilhante e poderoso escriptor. O Rio tem-no tratado muito bem apparentemente; mas de facto vejo que raros aqui fazem uma justa idéia do seu grande valor. Eu hontem offereci-lhe o meu **Paris**, — o ultimo exemplar que restava, porque ja está esgotada a edição. Disse-me elle que ja vae conseguindo ler o portuguez e prometeu passar o meu livro, escrevendo-me depois algumas linhas a respeito. Vamos ver...

Ja suspendi minhas correspondencias para o **Correlo do Sul**. O Dulcideo, que me escrevera solicitando minha collaboraçãõ com tanto empenho, escreveu-me agora de novo dispensando-a muito delicadamente: allega falta de meios, no que eu creio deveras. O que seria bom era que elle liquidasse logo nossas pequenas contas; mas hoje é 11 e até agora ainda não recebi a carta de ordem correspondente ao meu pequeno trabalho.

Nenhum dos nossos camaradas que ficaram de escrever-me enviando-me as informações que dahi não pude trazer, nenhum delles o fez até hoje, nem o Niepce nem o Pamphilo, nem João Gualberto, nem mesmo o meu compadre, o Ernestinho Laynes, apesar de eu ter escripto a todos solicitando de novo taes informações logo que aqui cheguei. Eu comprehendo: os tempos não estão para perder-se tempo; todos tem que andar muito atentos aos seus interesses immediatos para não perderem pé na corrente. Paciencia. Trabalharei com os dados de que disponho. As deficiencias resultantes da falta desses outros que as preencha quem melhor puder. A vida offerece outros motivos muito mais fortes para aborrecimentos e desesperos.

Ainda não vi a Baroneza nem tenciono ir vel-a. Há muito tempo que tenho por assentado o plano em que assentaste definitivamente agora, segundo me dizes: eu só procuro aquelles que na verdade estimo e que acho provavel estimarem-me. O mais, como bem sabes, é fonte perenne de aborrecimentos e desillusões.

Lá se foi a esposa do nosso Sebastião! Nós bem que estavamos prevendo o caso, como te debes lembrar. Passei ao nosso amigo um telegramma logo que soube do facto, e qualquer destes dias vou escrever-lhe uma carta.

Si tens lido os jornaes do Rio, talvez possas ter visto como este anno está besta e insupportavel. Dir-se-ia que o Hermes influe e manda ou desmanda, até na nossa atmospherá intellectual. É a mesma tonteira, a mesma burrice e o mesmo safadismo em toda a parte. A imprensa, ou antes a literatura da imprensa está mais ignobil e mais idiota do que nunca. De sorte que não sei si scrá de bom aviso fazeres as nossas projectadas conferencias quando aqui vieres.

Porque eu conto que aqui estarás por estes dois mezes não? Não se-ja porisso, em todo caso, que deixes de vir. Basta que tenhas aqui teus amigos, como os tens, para bem te refugiarestes da estupidez e ton-teira ambientes. Viste o artigo do Goulart de Oliveira a proposito do almoço? Foi o mais que pude conseguir delle no sentido da brandura, da inocinidade. O rapaz tinha o seu caroço na garganta, precisava e expelhil-o. Expelhiu. Que se ha de fazer? Podia ter sido pior.

Si estiveres com o Rodrigo Junior, dize-lhe que não esqueci a promessa feita, mas que tenho andado tão cheio de affazeres que ainda não pude satisfazel-a.

E por hoje basta. Escreve-me, e escreve-me cartas compridas tanto qt<sup>a</sup>. está em ti fazel-as. Recommenda-me a todos os nossos amigos, ao Santa Ritta, ao Julio, ao jovem critico, ao caricaturista, ao Euclides, a quantos perguntarem por mim.

Adeus, meu caro. Todas as venturas te persigam.

Nestor.

R. Itapirú, 326

### Carta XII

Rio. 10 de julho de 1912

Emiliano,

Leio hoje um telegramma dahi em que se diz que o **Diarlo da Tarde** publicou hontem uma discrição das installações da Lumber Company, nas Três Barras. <sup>1</sup> Ora, isto era uma das coisas que mais me estavam faltando, pois até agora não havia nenhuma notícia minuciosa a esse respeito q' eu pudesse aproveitar no meu trabalho. Peço-te, pois, o obsequio de cortar o dito artigo e remetter-m'o em carta; talvez possa inda vir junto com a coisa sobre a Academia q' também já te pedi noutra carta.

Eu vou indo assim, assim. E tu?

Abraça-te o

teu

Nestor

R. Itapirú, 326

### Carta XIII

Rio. 11 de julho, 1912

Emiliano,

Tenho demorado um pouco a responder-te porque precisava acabar uma parte do meu trabalho em que tinha de concentrar muita

<sup>1</sup> Sobre a Lumber Company Nestor Victor tecerá comentários no capítulo 12 («Zonas de influencia») de *A terra do futuro*. Nas páginas 265-6 da primeira edição refere-se à serraria e marcenaria de Três Barras pertencentes a Lumber que «foi fundada em 1908. Visa principalmnte a exportação da madeira».

atenção. Hontem me vi livre della e ja tenho cerca de 200 tiras escriptas.

Mando-te junto a notícia do **Palz** sobre o livro do capitão Lyrio. Disseram-me que na **Imprensa** veiu um artigo de critica, além da noticia q' ja tinham dado; mas ainda não pude passar por lá para verificar o caso. O Sebastião Sampaio, aliás q' se casou com a filha do Alcindo e é hoje securitario da folha, o bom Sebastião me havia prometido isso mesmo. (Ha mais de um bom Sebastião por este mundo. Não é somente o dahi).

Fizeste muito bem em procurar o Dulcidio para a miseravel questãozinha dos **botucum**. Elle mandou-m'os immediatamente, e vejo agora por um telegramma do **Jornal** q' a folha já suspendeu publicação. Graças a ti, tive sorte. Obrigado.

Vem até cá, meu caro. Aqui choveu uns dois dias, mas hoje ja estamos com uma linda manhã. Seja como fôr, o Rio sempre é o Rio, para nós outros brasileiros, que não temos outro refugio.

Tens estado com o Paul Adam? Necessariamente, tanto mais que com a chuva elle quasi não poderá sahir, e é preciso que vá procural-o alguém que realmente lhe possa falar. Eu gostei muito da Senhora delle. Não te causou a mesma impressão? Ella deu-me uma viva saudade de Paris.

Encontrei-me outro dia com o Bricio, do **Seculo**, a quem falei na noticia sobre o livro do Lyrio, entregue por mim próprio em mãos delle. Prometteu-me não deixar de publicar-a, justificando a demora por falta de espaço. O que vier, te mandarei. Não tenho lido o **Correlo da Manhã**; ignoro, porisso, si a que la deixei ja sahiu. Estão me faltando agora amigos no serviço de plantão daquella folha, pois, os que recitaste ultimamente na festa da primavera, esses e outros que te parecer convir publicar agora.

Temos andado por aqui em abalo, nós os paranaenses, com o lamentavel factó de Irany. Imagino o que não ha de ser a repercussão delle em Curitiba, em toda a nossa terra. Pobre do João Gualberto! Que destino o seu, o de morrer aos golpes de facão de uns matutos faccionoras!

Estou hoje muito sem graça, e não pode ser por menos.

Adeus, meu Emiliano. Acredita na invariavel amizade, cada vez maior, do teu

velho  
Nestor

R. Itapirú, 326



**Carta XIV**

Rio, 26 de Agosto, 1912

Emiliano.

Recebi tua carta de 20 com a excellente nota sobre as escolas primarias de Curitiba, os jardins de infancia, os grupos escolares, da mesma, e dando informações geraes sobre o mesmo assumpto, relativas a todo o Estado. Fico à espera da nota sobre os intellectuaes. Peço-te que nella refiras os jornaes, revistas e outras publicações que haja neste momento na Capital.

Esqueci-me de dizer-te na minha ultima carta que recebi a nota sobre a Sociedade Tiro Rio Branco; mas logo que ella me veiu às mãos agradei ao João Gualberto o tel-a organizado.

Ja comecei hoje a escrever o capitulo em que vou aproveitar estas tuas últimas informações. Peço-te, pois, o obséquio de não demoraes com o que tens ainda a remetter-me.

Não vi mais o nosso Capitão Lyrio. Não sei si ja voltou.

Acabo de ler as **Canções da Terra dos Pinheiraes**.<sup>1</sup> O rapaz tem jeito para a coisa; mas ainda está em formação. Parece mesmo que nunca dará grande coisa. Dahi, pôde ser. Vou, em todo caso, escrever-lhe uma carta de animação. Trata-se de um patricio nosso, não é? Eu quizera tanto que esses rapazes de hoje fossem os dignos successores daquelles que deram um nome ao Paraná, nas letras... Mas parece que os tempos não lhes são favoraveis...

Minha mulher tem andado muito adoentada ha quasi um mez. Felizmente agora vae melhor. Eu também não estou muito christão. Trata-se, em todo caso, apenas de teimoso defluxo.

A penna está pessima.

Felizmente está terminada a carta.

Tenho pena que não venhas este anno.

Até outra, meu caro.

Saudades do teu

Nestor

R. Itapirú, 326.

<sup>1</sup> Ver nota 1 à Carta 11

**Carta XV**

Rio, 1.º de Dez. 1912

Emiliano.

Continuo em situação pouco normal. Minha mulher ainda não se restabeleceu; em todo caso já vai melhor. Eu, porém, com trabalhos e cuidados, tenho andado com aborrecida dispesia, que pouco me deixa trabalhar. Ainda tenho de escrever os dois capítulos finais d'A Terra do Futuro<sup>1</sup> e são esses justamente dos mais difíceis. Tudo isso somado representa para mim um momento muito desagradável. Ando em má disposição de espírito; numa daquellas phases em que a gente não está dominando a vida, antes em que esta tomou conta de nós e nos vai levando de roldão como si fora no mar. Agradecemos-te muito o teu gentil offercimento; mas uma familia não se pode transportar para tão longe facilmente, em tudo e por tudo. Estamos procurando um lugarejo perto do Rio; infelizmente até aqui, de toda parte só nos chega noticia de que não ha mais casa para alugar. Mas espero ainda encontrar um buraco desoccupado algures, sem ser no Cemitério...

Entreguei seus bellos versos ao Matheus de Albuquerque, cuja revista sahirá brevemente, diz elle. Quando quizeres, manda-me outros: sempre se encontra onde publical-os aqui. O Laudelino já está com o livro de sonetos alheios quasi prompto. Tem muitos retratos; entre elles vários de paranaenses. Pede-me com instancia um retrato teu e outro do Julio. Eu tenho acanhamento em transmitir o recado desde que o tonto do Varzea consumiu aquelle q' me mandaste. Mas enfim fica o pedido feito. Como os outros enviaram, acho que tu e o Julio. vocês ambos, deviam mandar também.

Retribuo muito gostosamente as lembranças da Palmyra, de quem, de facto, não me esqueço.

Como vaes passando?

Escreve sempre ao teu

Nestor

R. Itapirú, 326.

Conversei aqui com o Affonso Camargo sobre o negócio do Livro. Eu não peço mais dinheiro pa. mim, mas preciso q' elles me proporcionem meios de imprimir um bom volume. Elle prometteu-me arranjar a coisa. N.

<sup>1</sup> Os dois últimos capítulos intitulam-se «As curiosidades» e «Momento actual».